

DÉBORA LOVO

Pura Maldade

Para Melissa.

UM

Por mais que se esforçasse, Catarina não conseguia se lembrar de seu ultimo momento de paz. Quando fora a ultima vez que havia dado risada de algo tolo, somente porque estava feliz.

Estava tão absorvida pela infelicidade que só conseguia se lembrar de suas misérias.

Uma brisa fria entrou pela fresta aberta da janela e ela puxou o xale roxo para cima dos ombros.

Os dias frios não ajudavam muito com seu humor, que estava cada dia pior. Ficar sozinha também não ajudava, mas era assim que ela passava suas tardes, entregue a uma solidão tão profunda que parecia haver enraizado dentro dela.

A chuva fina caia lá fora, como pequenas adagas frias a cortar as folhas do grande carvalho. Seu coração era ainda mais gelado que o clima, batendo dolorosamente em seu peito.

“Dói tanto!”, ela pensava, sentindo os olhos marejados pelas lágrimas.

Olhou cabisbaixa para a mesinha de canto branca, onde um porta-retratos marrom havia sido virado para a parede. Pegou a pequena moldura na mão e alisou a foto preto e branco da menina segurando a barra do vestido branco, com um sorriso tímido nos lábios.

Não suportou olhar para a foto por muito tempo. Depositou-a virado para baixo sobre a mesinha, sentindo-se culpada por não suportar olhar a foto da filha.

Até quando poderei suportar?

Sua mão estava tremula e fraca quando tentou secar uma lágrima que

escorria pelo rosto.

As coisas da menina representavam dois extremos: A dor e a nostalgia.

Se tocasse os diversos animais de pelúcia e os vestidos coloridos do armário, podia sentir o cheiro da filha, mas esse mesmo perfume chamava o sentimento terrível de perda.

Todos os dias, agarrava com força qualquer coisa que havia pertencido a ela, mas isso tinha seu preço. As lembranças evocadas por aqueles objetos eram amargas e dolorosas e ela acabava por repeli-los violentamente.

No final, o buraco que havia em seu coração só parecia aumentar.

Um dia essa tristeza vai me engolir.

Empurrou o bordado para cima de uma mesinha de canto branca. O mesmo bordado que ela pegou todos os dias na mão, mas não conseguiu trabalhar nenhum ponto. Não havia animo para

nada.

Desisti de quantas coisas? , pensar no que havia deixado de lado a deprimia ainda mais, mas nada parecia ser tão importante quanto sua dolorosa tarefa de manter a memória da filha viva.

Sentada em sua cadeira ornamentada com pequenas flores rosadas, tinha no colo um pequeno vestido azul em veludo e os olhos vidrados na janela empoeirada. Os dedos deslizavam pelo tecido macio, sentindo cada pequeno detalhe da costura.

Aquele era o vestido preferido de Angelina, sua única filha.

Lembrou-se de quando estava fazendo aquela peça delicada e de como a filha ficara feliz ao ver o vestido feito com o tecido que ela mesma havia escolhido. Mas nunca chegou a terminar a peça, a filha nunca chegaria a usá-lo e ela nunca mais trabalharia nele.

Levantou-se letárgica, esfregando as